



Carla Martins Mendes

**A Construção da Intimidade: Vergonha e Pudor
na Família**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Andrea Seixas Magalhães

Rio de Janeiro

Dezembro de 2017



Carla Martins Mendes

**Construção da intimidade: Vergonha e
pudor na família**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Andrea Seixas Magalhães

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Celia Regina Henriques

CCE – PUC-Rio

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora ou da orientadora.

Carla Martins Mendes

Graduou-se em Psicologia (bacharel e formação em Psicólogo) na Universidade Estácio de Sá em 2013. Fez Especialização em Psicoterapia de Família e Casal na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2015.

Ficha Catalográfica

Mendes, Carla Martins

A construção da intimidade : vergonha e pudor na família / Carla Martins Mendes ; orientadora: Andrea Seixas Magalhães. – 2017.

56 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Intimidade. 3. Vergonha. 4. Pudor. 5. Imagem social. 6. Transmissão psíquica. I. Magalhães, Andrea Seixas. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Aos meus avós
Beatriz e António
Lucinda e Artur.

Pela transmissão.

Agradecimentos

À minha orientadora Andrea Seixas Magalhães, pela imensa generosidade e empatia. Sou muito grata pela confiança, pelos ensinamentos e por acompanhar o meu percurso acadêmico com afeto.

À Professora Terezinha Féres-Carneiro, pelo acolhimento e afeto com que sempre me recebeu e me acompanhou fazendo-me sentir em casa.

À Professora Celia Henriques, pela gentileza e amorosidade em ter aceite fazer parte da Banca Examinadora.

Às minhas queridas colegas e parceiras de pesquisa, pelas trocas sinceras e amizade; Ana Franqueira, Anielle Santos, Débora Sampaio, Dinea Palma, Fernanda Palermo, Juliana Diniz, Mariana Matos, Mayla Cosmo.

Aos meus pais por me ensinarem a valorizar o trabalho, as minhas escolhas e investirem na minha educação, sempre.

Às minhas queridas, Aline Lucidi, Beatriz Jedon, Candida Arthou e Cristina Ribeiro Dantas pelos afetos sinceros.

Ao Manoelzinho Charlie pela grandiosa singela presença.

Aos participantes desta pesquisa pela disponibilidade e confiança.

À Capes pelo apoio financeiro.

Resumo

Mendes, Carla Martins; Magalhães, Andrea Seixas. **Construção da intimidade: a vergonha e o pudor na família**. Rio de Janeiro, 2017, 56 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os sentimentos de vergonha e de pudor desempenham funções reguladoras no processo de construção da intimidade, em particular na família. O contexto social contemporâneo, em consonância com a maior igualdade nas posições familiares, favorece o emergir da vergonha social. A diluição da transmissão geracional do pudor reflete-se na desvalorização da função da família de preservação de intimidade. Esta pesquisa apresentada em formato de artigo teve como objetivo investigar a vergonha e o pudor na intimidade da família. Para alcançar os objetivos propostos foram entrevistados 8 sujeitos independentes, 5 mulheres e 3 homens, com filhos entre os 12 anos e 18 anos. As entrevistas foram analisadas segundo o método de análise de conteúdo. Constatou-se que os participantes estabelecem relações de maior proximidade com os filhos e evidenciam um afastamento da transmissão da vergonha e do pudor associados ao campo sexual, em relação às gerações anteriores. Demonstram que o sentimento de vergonha está relacionado à valorização da imagem familiar e social. Os participantes associaram o sentimento de vergonha à exposição da intimidade dos filhos nas redes sociais, evidenciando uma preocupação com a sua imagem social e profissional.

Palavras-chave

Intimidade; vergonha; pudor; imagem social; transmissão psíquica

Abstract

Mendes, Carla Martins; Magalhães, Andrea Seixas. **Building Intimacy: Shame and Modesty in the Family**. Rio de Janeiro, 2017, 56 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The feelings of shame and modesty play a regulatory role in the process of building intimacy, particularly in the family. The contemporary social context, in keeping with the greater equality in family positions, favors the emergence of social shame. Generational transmission of modesty is diminished and is reflected in the devaluation of the preservation of intimacy in the function of the family. This research in article format aimed to investigate the shame and the modesty in the intimacy of the family. In order to achieve the proposal objectives, 8 independent people were interviewed, 5 women and 3 men, with children between 12 and 18 years. The interviews were analyzed by the content analysis method. It was observed that the participants established closer relationships with their children and demonstrated a distance from the transmission of shame and modesty associated with sexual field, in relation to the previous generations. They demonstrated that the feeling of shame is related to the appreciation of the family and social image. The participants associated the feeling of shame with the exposure of children's intimacy in social networks, demonstrating a concern with their social and professional image.

Keywords

Intimacy; shame; modesty; social image; psychic transmission

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. VERGONHA NA FAMÍLIA: IMAGEM SOCIAL EM DESTAQUE	13
2.1 MÉTODO	17
2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
3. PUDOR NAS RELAÇÕES FAMILIARES: TRANSMISSÃO E LIMITES DA INTIMIDADE	28
3.1 MÉTODO	34
3.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
4. CONCLUSÃO	44
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	50

1.

Introdução

A intimidade é uma construção sócio-histórica produzida no ocidente a partir da oposição entre as esferas público-privadas. A etimologia da palavra intimidade diz respeito à qualidade do íntimo, que tem origem no latim “*intimus*”, que aponta um sentido de interioridade e segredo interno. A intimidade é reflexo de influências recíprocas entre as dinâmicas psíquicas e as socioculturais. Embora seja um sentimento regulador das relações humanas como um todo, a intimidade familiar apresenta especificidades com base na transmissão psíquica entre as gerações e nas dinâmicas familiares, estando na base da singularidade de cada grupo familiar e dos elementos que o compõem.

O sentimento de intimidade deve ser compreendido em um amplo contexto que resultou no emergir de uma esfera privada, consequência de progressivas mudanças políticas, econômicas, científicas e filosóficas ao longo do Renascimento. Neste contexto, o pensamento de Descartes foi decisivo para uma concepção de homem racional capaz de alcançar a verdade pelo próprio conhecimento. Estabeleceu-se, portanto, uma progressiva relação do homem consigo mesmo e com o outro. A evolução para uma auto reflexão e uma contínua individualização em relação à esfera pública culminou em uma subjetividade centrada na interioridade (FIGUEIREDO, 1994).

Os progressivos interesses privados, econômicos e materiais, assim como a ideologia individualista, conduziram à ascensão econômica da burguesia. Em consequência, o nascimento da família nuclear burguesa organizou-se eivada na ideologia do Individualismo, resguardando-se do poder público, do estado e da sociedade. Segundo Dumont (2000), o indivíduo moderno ao buscar o conhecimento e a autonomia sacrificou a totalidade social, perdendo o senso de coletividade. A privatização da família moderna está, portanto, relacionada ao esvaziamento do espaço público, lugar de trocas e espaço de socialização, e à organização da intimidade familiar. Neste sentido, a intimidade é uma invenção da burguesia, construída a partir do século XVII, impulsionada pela invenção da infância e evoluindo até atingir o seu auge no século XIX. A valorização da

criança, envolvida em afeto e paporico desencadeará uma nova organização familiar e social, inscrevendo o sentimento de vergonha no campo do segredo. Os segredos dos adultos, principalmente no que se refere à sexualidade, deveriam ser preservados do mundo infantil e a intimidade da família moderna seria resguardada da esfera pública.

A herança da vergonha associada ao corpo e ao sexual na modernidade é consequência do período precedente. Os rígidos códigos morais ditados pela igreja católica incluíam a vergonha como sanção social, controle corporal e sexual (BOLOGNE, 1990). Para o autor, a vergonha ligada à sexualidade e a origem do pudor no século XVI associado à nudez, levaram a uma associação entre vergonha e pudor, na medida em que ambos se referiam ao corpo e ao sexual. Ao longo da modernidade, o pudor e a vergonha mantiveram similaridades; um corpo que deveria ser pudico e uma vergonha que deveria resguardar a mulher e a mãe do olhar público. Assim, se a vergonha e o pudor contribuíram para a privacidade da família moderna, a interioridade serviu de base para a constituição subjetiva moderna sustentada na afirmação do eu.

É na esteira da valorização do eu interior que Freud constrói a psicanálise, contemplando uma ideia de sujeito do inconsciente, desejante e em permanente conflito. A culpa, representante maior do conflito em Freud, decorre do embate entre as exigências individuais e a moral social. Em “Totem e Tabu” (1913), Freud descreve o mito do assassinato do pai da horda primitiva como condição para o advento da cultura. A culpa desse ato retornaria para o eu sob a forma de remorso, instaurando os dois principais tabus norteadores da civilização; a autoridade do pai e a proibição do incesto. Em “O mal-estar na cultura” (1930), Freud refere-se à culpa como responsável pelo sacrifício das pulsões, pela renúncia à agressividade e à sexualidade. Os afetos reprimidos formariam uma consciência moral. A evolução da civilização implicaria, portanto, em abdicar de uma parte da felicidade.

A culpa teve um papel relevante ao longo de toda a obra de Freud, diferentemente da vergonha que aparece em alguns dos seus trabalhos como conflito psíquico entre a sexualidade e a moral. A vergonha é associada à ideia de pudor e de honra como forças recalcadoras. No âmbito narcísico, a vergonha é circunscrita ao desvendar de vulnerabilidades perante o olhar do outro. De acordo com Tisseron (2010), o fato de a vergonha ser associada à sexualidade levou a que

fosse confundida com o pudor e considerada precursora da culpa, originando uma ideia de indistinção entre a vergonha, o pudor e a culpa. Segundo esta perspectiva, podemos perceber que o sentimento de vergonha pode ser comumente indistinguível do pudor ou da culpa, embora a culpa esteja relacionada com a internalização de uma lei e a vergonha com o afastamento de um ideal social. Ambos os sentimentos apontam para uma dimensão moral.

A partir dos anos 1960 do século XX, os grandes movimentos sociais e ideológicos favoreceram a maior autonomia e liberdade individual na família (SINGLY, 2012). O contexto social de maior liberdade sexual, a popularização da nudez e a valorização do corpo, principalmente protagonizadas pela mulher, contribuíram para uma desvalorização da vertente sexual da vergonha e do pudor no âmbito social. A exposição da intimidade no espaço público, promovida pela tecnologia e a fomentação do consumo de qualquer ordem favoreceram a desvalorização da vertente sexual da vergonha e a preponderância da vergonha narcísica.

A despeito de os modelos mais tradicionais de família coexistirem com os atuais, a intimidade da família, na atualidade, privilegia a troca de afeto e a maior proximidade entre pais e filhos, aproximando as gerações, diluindo as hierarquias e enfraquecendo a transmissão geracional (SINGLY, 2012). A família, fortemente marcada por relações igualitárias, contribui para que a intimidade psíquica e física se apresente de modo pouco diferenciado e com efeitos na transmissão entre as gerações. Ocorrendo no ambiente de intimidade familiar, a transmissão psíquica tem como objetivo assegurar os vínculos e favorecer a capacidade de separação e de individuação (MAGALHÃES & FÉRES CARNEIRO, 2004).

Neste contexto, o pudor, enquanto sentimento que assegura o reconhecimento de um corpo psíquico e físico diferenciado, funciona como condição de proteção entre o eu e o outro, proporcionando a discriminação da intimidade e a diferenciação entre os sexos e as gerações. Perante o exposto, o objetivo deste estudo foi investigar a vergonha e o pudor na intimidade da família. Com relação aos objetivos específicos buscou-se investigar: a concepção de intimidade na família e a percepção do pudor e da vergonha nas relações familiares.

De modo a alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo exploratório, por meio de entrevistas, com 8 sujeitos independentes, sendo 5 mulheres e três homens, com filhos entre os 12 e 18 anos (anexo A). As entrevistas foram baseadas em um roteiro previamente delineado (anexo C). Foi utilizado o método de análise de conteúdo para analisar os dados (BARDIN, 2015). Das falas dos sujeitos emergiram oito categorias de análise, algumas divididas em subcategorias. A categoria *percepção da vergonha atrelada à culpa* foi subdividida em *identificação da vergonha a partir do olhar do outro; vergonha e imagem social*. As categorias *estranhamento do pudor; transmissão da vergonha e do pudor: um legado em questão; novos rumos da intimidade no lar e ameaça do espaço público: protegendo a imagem dos filhos*. Além disso, emergiram as categorias *intimidade pública e a vergonha privada e inominável vergonha: o não dito e o segredo* que não foram apresentadas na presente dissertação.

A discussão dos resultados da pesquisa foi apresentada em dois artigos intitulados “Vergonha na família: imagem social em destaque” e “Pudor nas relações familiares: transmissão e limites da intimidade”. O objetivo do primeiro artigo foi investigar a percepção da vergonha nas relações entre pais e filhos adolescentes. Para tanto, analisamos a categoria *percepção da vergonha atrelada à culpa* e as subcategorias: *identificação da vergonha a partir do olhar do outro; vergonha e imagem social*. O objetivo do segundo artigo foi investigar a dimensão do pudor nas relações familiares. Deste estudo emergiram as seguintes categorias: *estranhamento do pudor; transmissão do pudor: um legado em questão; novos rumos da intimidade no lar e imagem no espaço público: protegendo a vergonha dos filhos*.

2.

Vergonha na família: imagem social em destaque

Resumo

O presente estudo é parte de uma investigação mais ampla sobre a vergonha e o pudor na intimidade da família. O objetivo deste estudo foi investigar a percepção da vergonha nas relações entre pais e filhos adolescentes. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistados 8 sujeitos do segmento socioeconômico médio, com filhos com idades entre 12 e 18 anos. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Para atingir os objetivos formulados neste trabalho será discutida a categoria *percepção da vergonha atrelada à culpa* e suas subcategorias *identificação da vergonha a partir do olhar do outro*; e *vergonha e imagem social*. Constatou-se que a vergonha e a culpa são percebidas como sentimentos indiferenciados. O deflagrar da vergonha emerge a partir do olhar do outro e o fracasso das expectativas sociais e familiares é determinante para desencadear o sentimento de vergonha.

Palavras-chave:

Vergonha; culpa; família.

Abstract

The present study is part of a broader investigation of shame and modesty in the intimacy of the family. This research aimed to investigate the perception of shame in the relationships between parents with adolescent children. For that, a qualitative research was carried out, in which 8 subjects from the middle socioeconomic segment were interviewed, with children between the ages of 12 and 18 years. The results were analyzed by the content analysis method in its categorical aspect. In order to achieve the proposed objectives formulated in this work, the category *the perception of the shame tied to the fault* and its subcategories *identification of the shame by the look of the other; and shame and social image* will be discussed. It was found that shame and guilt are perceived as undifferentiated feelings. The flare-up of shame emerges from the gaze of the other, and the failure of social and family expectations is decisive in triggering the feeling of shame.

Keywords:

Shame; guilt; family

A privatização da família moderna constituiu um marco divisor na sociedade ocidental a partir do século XVII. Após este período, a família sofre profundas mudanças que evoluirão até aos dias de hoje, fundada na primazia da intimidade. Embora o sentimento de vergonha seja produto da época progressiva à privatização da família moderna, somente a partir desta época passou a desempenhar funções reguladoras na intimidade da família ocidental. Ademais, durante esse período, considerou-se que a criança devia ser protegida dos segredos dos adultos, principalmente no que dizia respeito à sexualidade. No interior da família moderna, a vergonha referia-se fundamentalmente à sexualidade, associada à ideia de pudor surgida no século XVI (BOLOGNE, 1990).

Diferentemente da culpa, que foi objeto de estudo ao longo da sua obra, Freud (1905) fez referência à vergonha ligada à ideia de repugnância, que agiria como força recaladora, em particular na mulher. A vergonha, remetida às pulsões recalçadas, especificamente no que diz respeito à sexualidade, estaria diretamente relacionada com a moralidade e a honra, da qual fariam parte o pudor e o nojo.

A relevância dada ao sentimento de culpa em detrimento da vergonha pode ser pensada a partir de um contexto histórico-social moderno. Em “Totem e Tabu” (1913), a cultura, ancorada na culpa devido ao assassinato do pai primitivo, origina uma submissão à autoridade e à proibição do incesto, sendo estes os dois principais tabus norteadores da sociedade. Posteriormente, em “O mal-estar na cultura” (1930), Freud aponta a violência e a culpa como subjacentes à origem da cultura. Assim, para Freud, em um primeiro momento, a culpa emerge pelo medo da perda do amor dos pais e, a partir do Édipo, a figura parental é substituída pela sociedade. O sentimento de culpa, desencadeado pelo superego, estabelece o reconhecimento de uma autoridade internalizada, tornando-se responsável pelo domínio do instinto de agressão.

Segundo a leitura freudiana, o sentimento de culpa constituinte do psiquismo humano é condição para o surgimento da cultura ocidental e meio pelo qual o grupo se organiza em sociedade. Nesse contexto, a culpa é um sentimento eminentemente moderno, na medida em que a obediência às regras sociais são entendidas como verdades incontestáveis (FREYMANN, 2012). A vergonha, sentimento que denuncia no espaço público algo que é considerado privado (GAULEJAC, 2006), atendeu à família moderna centrada na interioridade, regida por rigorosos códigos sexuais e educacionais.

A segunda metade do século XX é marcada por profundas transformações econômicas, sociais e culturais na sociedade ocidental, especificamente no que diz respeito às relações familiares. Singly (2012) indica que na década de 60 do século XX a influência do feminismo, a lei do divórcio e a remuneração do trabalho feminino convergiram para maiores reivindicações individuais no contexto social e familiar. Os papéis mais igualitários refletiram-se na sociedade e na intimidade do lar, contribuindo para que a figura paterna se diluísse, acentuando-se, em contrapartida, o diálogo e a manifestação de afetos (ROUDINESCO, 2003).

O surgimento da propaganda, do consumo e de revistas femininas na primeira metade do século XX impulsionaram a valorização do corpo e da relação do indivíduo consigo mesmo (PROST, 2009). Seguindo o mesmo raciocínio, Tisseron (2014) considera que o deslocamento do nu confinado à esfera estritamente privada para a esfera pública, a partir dos anos 70 do século XX, inaugurou um novo entendimento sobre a intimidade. Para o autor, não sentir vergonha em mostrar a sua "privacidade psíquica" em público contribuiu para a retirada do sentimento de vergonha, associado à sexualidade, da esfera pública.

No contexto da “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2012), caracterizada pela valorização da imagem social e pelos ideais de *performance* individual, a vergonha é relacionada ao fracasso das expectativas idealizadas (VERTZMAN, 2005). Segundo esta perspectiva, a vergonha é desencadeada por uma tensão entre o Eu e o Ideal do Eu, resultante do fracasso do Eu em relação ao projeto narcísico (TISSERON, 2014; CICCONE & FERRANT, 2015). Na medida em que o Ideal de Eu se refere a atributos desejáveis, os ideais valorizados socialmente convidam a um desafio entre a autoimagem e aquela que o sujeito almeja ter.

A democratização das relações familiares é particularmente notada na adolescência, marcada pela busca de maior autonomia e de construção de uma identidade dos filhos diferenciada dos pais. Se os ideais familiares constituem veículos determinantes no reconhecimento da origem e da missão do grupo familiar, a vergonha, associada a ideais efêmeros, é um complicador a mais para a transmissão familiar, sobretudo quando as fronteiras geracionais são pouco nítidas.

Emde e Oppenheim (2002) consideram que a vergonha e a culpa são

emoções morais baseadas nas relações interpessoais, que sofrem influência da sociedade e da cultura. Os efeitos que produzem no Eu traduzem-se no senso de presença e de responsabilização em relação ao outro, ficando, portanto, o Eu fortemente dependente do julgamento alheio. Desenvolvem-se tardiamente, constituem-se de maior complexidade e têm a função de tornar conscientes aspectos morais inconscientes. Assim, a importância do sentimento de vergonha, enquanto emoção moral, relaciona-se com normas sociais que não devem ser transgredidas, sob pena de exclusão do grupo social ou familiar (TISSERON, 2014).

Compreendemos que as relações familiares mais igualitárias, assim como a vergonha atrelada à falência de uma imagem pautada em referências hedônicas colaboram para a valorização do olhar alheio voltado para a imagem pessoal e familiar. A vergonha é um sentimento complexo que se manifesta de diferentes modos. A desvalorização do eu perante ideais inalcançados colabora para a vinculação do sentimento de vergonha à falha das expectativas sociais. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo investigar a percepção do sentimento de vergonha nas relações entre pais e filhos adolescentes.

2.1

Método

Participantes

Participaram deste estudo 8 sujeitos independentes, 5 mulheres e 3 homens, residentes na Cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. Os participantes têm escolaridade superior e filhos com idades compreendidas entre 12 e 18 anos. Somente 1 participante não reside habitualmente com o filho.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas individuais, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas e elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: percepção

acerca do sentimento de vergonha; diferenciação entre vergonha e pudor; vergonha e pudor entre gerações; vergonha e exposição da intimidade nas redes sociais.

Procedimentos

O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas. As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas, e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. O acesso aos participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente temático-categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelos entrevistados aos fenômenos (BARDIN, 2015). Por meio desta técnica foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma 'leitura flutuante', agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre a vergonha e o pudor na intimidade da família. Das narrativas emergiram diversas categorias de análise. Para atingir os objetivos formulados no presente trabalho, apresentaremos e discutiremos a categoria: *percepção da vergonha atrelada à culpa* e as subcategorias *identificação da vergonha a partir do olhar do outro*; e *vergonha e imagem social*.

2.2

Resultados e discussão

Percepção da vergonha atrelada à culpa

As narrativas dos entrevistados apontaram para uma indistinção entre os sentimentos de vergonha e de culpa. Quando se referiam à vergonha enfatizavam a culpa, para além de justificarem a vergonha com aspectos atribuídos à culpa.

“Eu acho que me protejo ao máximo para evitar (sentir vergonha). Mas, se acontece, eu peço desculpa, justifico e enfim... Tento passar isso para o meu filho, se errou tem que pedir desculpa, porque vergonha é isso, se errou, vai lá e conserta.” (Paulo).

“Bate uma culpa! (sentir vergonha). Tipo você quer consertar alguma coisa. Acho que você entende que fez algo errado, magoou alguém, desapontou. Mentira, por exemplo, eu minto quando tou com vergonha! Tipo fui pega, fico me justificando, é culpa mesmo, muita vergonha!” (Márcia).

“Eu sou bem reservada, mas por causa da vergonha. Sempre fico pensando nos outros, sinto muita culpa. Eu sempre sinto vergonha por causa dos outros, do que os outros fazem, do que vão pensar, então sempre fiquei muito escondida, calada, cheia de segredinhos, muito crítica, mas tudo pra não passar vergonha. Sinto muita culpa, a vergonha acaba comigo, muita culpa, sempre me criticando, nunca acertava e acho que nunca acerto ainda, mas vou tentando!” (Regina).

Enquanto emoções morais, os sentimentos de vergonha e de culpa denunciam um conflito relacionado com o que viola as regras e normas sociais, manifestando-se como uma dor moral (EMDE & OPPENHEIM, 2002). Assim, ambos os sentimentos, sujeitos ao julgamento moral, podem ser associados e comumente considerados indistinguíveis, embora sejam distintos.

Paulo, ao ensinar o filho a consertar os erros perante o sentimento de vergonha, e Marcia, associando a vergonha ao fato de magoar alguém, remetem a vergonha a uma falha que deve ser reparada. Deste modo, os participantes consideram possível reparar a culpa e a vergonha, não demonstrando atribuir qualquer distinção entre ambos os sentimentos.

O conceito de mecanismo de reparação frente ao sentimento de culpa foi desenvolvido por Melanie Klein (1996), referindo-se às funções integradoras do Superego. Durante a posição depressiva, a preocupação com o objeto externo se manifestaria como renúncia à preocupação narcisista.

No âmbito das instâncias psíquicas, a vergonha é desencadeada por uma tensão entre o Eu e a função ideal do Super Eu – o Ideal do Eu, traduzida no reconhecimento de que não se é o que se idealizava ser. A culpa é produzida por uma tensão entre o Eu e o Super Eu, permitindo que o auto julgamento instigue uma ação devido a uma lei internalizada (TISSERON, 2014; CICCONE & FERRANT, 2015).

A autocrítica desencadeada pela culpa deve-se às consequências de uma ação proporcionando um movimento interno em relação ao externo no sentido de reparação, ou de auto punição. Diferentemente da culpa, a vergonha não pressupõe a reparação, na medida em que é sentida a partir do olhar do outro, percebido como julgamento ou crítica. Neste caso, não é a ação em si que é julgada, mas o sujeito como um todo.

“Olha, eu acho que a gente sofre vergonha o tempo inteiro, em todos os aspectos bate uma culpa, sabe? Esta semana por exemplo aconteceu uma coisa em relação à minha filha. Eu briguei com ela. Eu tava falando de jogo de cintura. Mas eu me senti muito envergonhada por ela ter dito que eu tava ensinando ela a mentir. Não falei nada pra ela, claro! Mas ela ter falado que eu ensino ela a mentir, nossa! Não esperava isso da minha filha, ela tipo me deu uma lição! Eu tava ensinando ela a viver, mas ela me deu uma lição de moral, ética, sei lá!” (Luiza)

“Aí, outro dia, eu tava super estressada, tava discutindo pra caramba com o pai dos meus filhos. Nem falei pra eles que o pai tá nem aí pra pagar contas. Aí chegou o meu mais velho com a namorada e falou: “nossa, mãe, coisa feia. Essa não é você!” E durante um tempo eu fiquei com muita culpa por ter feito ele passar vergonha! Nem falei nada pra ele, nem quero! Mas ele falou que eu tava louca, não esperava que eu falasse desse jeito com ninguém! Não quero nem que ele lembre disso, sabe? Mas eu fiquei com muita vergonha, sabe? Faço tudo por eles e aí eu sou louca!” (Ana)

Embora a culpa e a vergonha possam ser concomitantemente experimentados, os participantes afirmam sentir vergonha quando a sua imagem perante os filhos é comprometida, escondendo-lhes o que sentem. Esconder ou

silenciar acerca do que é considerado como imperfeição é um dos atributos da vergonha que nem sempre aparece de forma explícita, sendo o isolamento um dos principais modos de lidar com a vergonha, dificultando a identificação deste sentimento (BILENKY, 2016).

A atual estrutura familiar mais igualitária no que diz respeito aos papéis parentais, e a adolescência, período em que a desconstrução da imagem parental é intensificada, podem contribuir para que a vergonha perante os filhos seja realçada nas relações parentais. As narrativas evidenciam que os pais sentem vergonha perante os filhos, remetendo ao silêncio e ao segredo, quando percebem que não possuem os predicados que os filhos, supostamente, imaginam terem deles.

Identificação da vergonha a partir do olhar do outro

Os relatos dos participantes apontam que o sentimento de vergonha é desencadeado pelo olhar do outro. Evidenciaram a ideia de que, embora a palavra possa contribuir para sentirem-se envergonhados devido ao valor de desqualificação que comporta, por si só não deflagra o sentimento de vergonha. Mas, o olhar é o bastante para evocar uma ameaça à autoimagem, justificando a necessidade de um recolhimento ou a saída da situação sentida como provocadora de vergonha.

“Quando te dão aquele olhar que fuzila, você sente muita vergonha, fico sem graça, começo a arrumar desculpas, bobas, claro! Sou pego nalguma besteira. Ou falo piada, sem graça, claro, porque vem aquele carão, você se sente fuzilado.” (João)

“A gente procura se recolher mais, (sentir vergonha), procura justificar mais, dando explicação pras pessoas, o que aconteceu, porque aconteceu [...] Você percebe a crítica não só nas palavras, mas num todo. Os gestos, como te olham, você sabe que há crítica, tipo você é incompetente. Senti muita culpa por causa da crítica, que nem precisa falar, do jeito que te olham já diz tudo, né?” (Luiza)

“Quando tá todo o mundo te olhando, aí você pensa: calma!. Porque muitas vezes você faz as coisas de uma forma involuntária e espontânea, mas quando você olha o jeito que os outros te olham você fica sem graça,

vergonha mesmo, você fica muito sem graça, sabe? Ai começam as desculpas, justificativas, aí você sabe que tá com vergonha.” (Carlos)

O sentimento de vergonha pressupõe a presença, real ou imaginada, de uma testemunha cujo olhar desencadeia a vergonha. Essa testemunha pode, porém, desconhecer o efeito desse olhar. O que importa para o envergonhado é o desmoronar de uma imagem, mesmo que seja no plano da fantasia (VENTURINI & VERTZMAN, 2012).

O que está em causa na vergonha é o poder que se atribui ao olhar do outro, pois o que importa para aquele que sente vergonha é a sensação de desvantagem. Bigliani *et al* (2011) diferenciam a testemunha empática da hostil, sugerindo que cada vez mais há uma busca pela testemunha empática devido à dificuldade que o sujeito, hoje, tem de lidar com as dilacerações internas.

Luísa e João denunciam o sentimento de vergonha na percepção do olhar do outro. As justificativas que os entrevistados revelam perante a vergonha funcionam como meios de proteção de uma imagem a preservar. Freymann (2012) indica que o deflagrar da vergonha a partir do olhar alheio é particularmente doloroso porque remete às fantasias infantis mais arcaicas, relacionadas às memórias inconscientes pré-edípicas.

A partir do olhar alheio, a vergonha é percebida como menos valia, levando, frequentemente, a uma sensação de indignidade (CICCONE & FERRANT, 2015). Os autores sublinham que um dos aspectos a ter em conta na vergonha é a angústia permanente de não ser objeto de desejo do olhar do outro.

A percepção que alguns entrevistados têm em relação aos filhos é que estes evitam contato físico com os pais, principalmente na frente de amigos. Para os entrevistados, os filhos sentem vergonha de demonstrar afeto em público, o que parece lhes causar incômodo.

“Olha, hoje em dia é assim: não pode nada! Hoje em dia filho cresce um pouquinho e o pai não pode nada, não pode dar beijo no rosto. Eu, na época, quando era mais novo, não tinha isso. Hoje em dia isso é um pouco diferente. Com o meu filho, quando ele está com os amigos dele, fica uma vergonha de abraçar, de beijar e tal. Fazer o quê? Na rua, nem pensar! Crescem, ficam com vergonha do pai.” (Carlos)

“O meu mais velho agora tá com vergonha se falo alto, se o beijo na rua. Outro dia, eu tava cantando no carro. Quando chegamos no colégio,

falou: “mãe, chega, tá?” Também não posso beijar quando o deixo, mas se tiver no carro ele me beija. O meu mais velho quando chora fala: “mãe, não fala pra ninguém que eu chorei!” (Ana)

De acordo com Labrune (2016), durante a adolescência o olhar do social tem um valor primordial. As modificações corporais, assim como as representações de si, dos pais e da família constituem importantes causas de vergonha. O olhar desempenha extrema relevância durante este período devido ao resignificado da autoimagem e de um senso de pertencimento a novos grupos com outros modelos de identificação. O autor aponta que a busca pela autonomia por parte do adolescente inclui alterações nas trocas afetivas com os pais.

“O meu filho, às vezes, fica com vergonha de mim porque eu sou muito extrovertido, falo alto, aí ele fala: “ó pai, segura a onda.” Agora eu tenho que me policiar por causa dele! Pior é que em casa a gente ri pra caramba, ele gosta quando conto piada, enfim. Agora, na rua não pode, não posso nem chegar perto dos amigos dele! Aí fala que sou palhaço!” (Carlos)

“A minha filha morre de vergonha quando eu bebo, fumo, fica falando quando as amigas tão com ela em casa: “pai, vê se não bebe, tá?” Ela queria ter um pai sarado, um pai geração saúde, então, eu sei que ela fica sem graça quando tá com as amigas, eu bebo, fumo. Aliás, agora evito, sabe? Assim, quando ela tá com alguém lá em casa. Eu gosto, mas posso fazer fora, não vou constrangê-la! ela se tá com amigas morre de vergonha.” (risos) (João)

Os participantes, ao se aperceberem como provocadores de vergonha dos filhos, demonstram dificuldades em reconhecer questões próprias do ciclo de vida da família com adolescentes. Por outro lado, não demonstram que partilham com eles esse mal estar, parecendo aceitar o comportamento dos filhos, corroborando a vertente do sentimento de vergonha ligada à desintegração narcísica.

Vergonha e imagem social

As narrativas enfatizam que o campo social é o mais suscetível ao sentimento de vergonha. Destacam o padrão de vida econômico-social e a preservação da imagem ligada à profissão e à família como principais fatores passíveis de provocar vergonha.

“Eu dou uma qualidade de vida à minha família que tem consequências no social. Se na atual conjuntura econômica eu tiver um problema, com certeza que ficarei com muita vergonha. Não tem como não ficar se sentir um fracassado, muita culpa. A gente se habitua, tem uma rotina e proporciona isso, e de repente se isso muda como você fica? [...]A minha filha fica cobrando muito, não quer pagar mico ou não quer ficar atrás das amigas, enfim, coisas bobas, roupa, iphone, bobagens. Agora, eu na idade dela tava mais preocupado com as meninas!” (risos) (João)

“Houve uma época que vários colegas tavam se saindo bem, ganhando e tal e eu ficava naquele negócio de estágio. Na verdade, só quando eu percebi que todo o mundo tava indo bem é que eu me toquei e fui fazer uma pós, enfim... hoje tou legal, mas pra você ver que acho que nem foi a profissão, acho que foi o social mesmo que mexeu comigo [...]Acho que os meus filhos têm vergonha, sim, não sei se de mim, mas do que eu não dou. Eu mesma fico me justificando muito, demais. Bate uma culpa, sabe?” (Márcia)

Os participantes revelam que a valorização do padrão de vida que atenda às expectativas financeiras dos filhos corresponde à manutenção de uma imagem a preservar. Marcia se empenhou na carreira devido à vergonha social e econômica e percebe que os filhos, tal como ela, são passíveis de sentirem vergonha nos mesmos campos.

Igualmente, na fala de João destaca-se a preocupação em atender às expectativas da imagem familiar ancoradas no padrão de vida. A possibilidade de ter problemas financeiros é considerada motivo de vergonha, na medida em que a imagem social e familiar seria comprometida. Ademais, parece desvalorizar as cobranças da filha que, segundo a sua percepção, vão ao encontro de manter uma boa imagem social, relacionada com os objetos de consumo socialmente valorizados.

“Sociais, é mais no social sim. Quando eu me separei eu tinha uma vida muito boa, assim, financeira, né? Mas mudou e eu senti muito por causa dos meus filhos, principalmente o mais velho, que tava habituado a um padrão de vida que mudou e eu fiquei com vergonha por ele porque ele tava no colégio, teve que mudar, os amigos acho que fizeram comentários.” (Ana)

“Com certeza social. É onde você tá mais exposto. Eu sempre tive que me policiar porque eu sempre tive à frente de projetos sociais, trabalhos com jovens e fica sempre mais visado. Tenho que ter cuidado como falo, o que

digo, porque lá na frente pode ser mal interpretado, então eu me protejo muito, até por causa do meu filho, né? A última coisa que quero é o meu filho passando vergonha por minha causa. E isso passo para ele, tem que se preservar porque as pessoas usam o que podem para te atingir. Não quero que ele passe vergonha, falo isso direto para ele, tem que se proteger! Nem sei como seria pra mim ver ele passar vergonha ou for humilhado mesmo!” (Carlos)

O relato de Ana aponta que sente vergonha no âmbito social, mas afirma que sentiu vergonha pelo filho. Carlos procura proteger a própria imagem para evitar que o filho sinta vergonha por sua causa. A vergonha pode ser sentida a partir de alguém especialmente próximo, frequentemente, entre membros da mesma família. Tisseron (2014) denominou esta faceta da vergonha de vergonha por contágio. O autor explica que o grau catastrófico deste sentimento pode emergir só pelo simples fato de alguém se imaginar no lugar daquele que sente vergonha. O desejo de superação da vergonha promovido pelo mecanismo de identificação traduz-se em sentir vergonha no lugar de outro.

A vergonha fundamentada na noção de imagem pessoal é uma das facetas contemporâneas deste sentimento. Vertzman (2005) aponta que quando a imagem ligada à competência e aos ideais de consumo não é alcançada, emerge o fracasso narcísico, o sentimento de vergonha. Neste sentido, o fato de os entrevistados reconhecerem sentir vergonha quando o padrão de vida não corresponde às expectativas econômicas, parece comprometer a imagem que mantém na família. Para Bilenky (2016), o caráter castrador da vergonha atua no sentido de inibir qualquer descontinuidade dos ideais.

2.3

Considerações finais

As transformações da família contemporânea, especificamente no que diz respeito às relações entre pais e filhos, é produto das principais premissas norteadoras da sociedade e da família moderna - igualdade e felicidade - valores estes que, na contemporaneidade, assumem configurações distintas das da época progressa. Assim, no contexto da reciprocidade de influências entre sociedade e

família, os fortes apelos consumistas e as exigências de desempenho individual reverberam nas relações familiares pautadas em uma maior igualdade de papéis.

A vergonha é um sentimento social que emerge na relação de cada um com o grupo, a partir do olhar, que denuncia um sistema de valores ou crenças comuns. Neste sentido, sente-se vergonha quando algo do mundo privado, que se imagina não corresponder aos ideais do grupo, social ou familiar, é exposto na esfera pública. Os resultados da pesquisa vão ao encontro da ideia predominante na contemporaneidade em que a vergonha está atrelada à insuficiência e à impotência caso os ideais não sejam alcançados.

Perante a percepção da vergonha deflagrada no olhar do outro, os participantes remetem-se ao silêncio ou ao segredo. Este fenômeno parece ter particular incidência nas transformações das relações familiares com filhos adolescentes, tendo em vista a imagem social e familiar associada ao sucesso financeiro. Neste sentido, se na estrutura da família moderna a vergonha estava atrelada ao pudor, na família atual parece vinculada ao desnudar psíquico e à exposição das falhas narcísicas.

Os participantes demonstraram incômodo e mal-estar ao perceberem que os filhos sentem vergonha deles, recusando trocas de afeto em público, ou quando pedem que os pais mudem o comportamento na frente dos amigos. Parecem, portanto, evidenciar dificuldades com os desafios da adolescência. Durante este período, a construção de uma identidade implica no abandono de uma relação parental infantilizada. Apesar de os pais não parecerem identificar que os filhos possam estar demonstrando comportamentos próprios do ciclo vital adolescente, levantamos a hipótese de que também os pais sintam vergonha frente à destituição e desconstrução da imagem parental, remetendo-se ao silêncio.

Sabemos que evitar situações que provoquem vergonha é uma das particularidades deste sentimento, contudo, o diálogo e o maior grau de intimidade entre pais e filhos, como marca da família igualitária, parecem não encontrar respaldo quando se trata de vergonha. Neste sentido, o sentimento de vergonha parece ser um elemento a mais que dificulta o processo de diferenciação entre pais e filhos, principalmente na adolescência. A falta de reconhecimento do sentimento de vergonha nas relações familiares, neste contexto, dificulta o entendimento de um distanciamento necessário entre gerações e a diferenciação na construção de uma intimidade social e corporal.

Em nível geracional, os participantes parecem transmitir aos filhos os mesmos valores pelos quais se regem, nomeadamente o prestígio social atrelado a aspetos económicos e a bens de consumo, identificando, claramente, que não corresponder às expectativas familiares e económicas é motivo de vergonha. Os participantes parecem não refletir acerca dessa transmissão familiar.

Na medida em que a vergonha remete à internalização de normas morais, aquele que sente vergonha reconhece que, de alguma forma, as transgrediu. Assim, face aos resultados desta pesquisa, se os participantes percebem que a vergonha emerge a partir do olhar alheio, este sentimento pode contribuir para uma reflexão acerca da importância da distinção entre os propósitos ideais e os idealizados, portanto, efêmeros e inalcançáveis, na medida em que o olhar do outro só provoca vergonha no poder que lhe é atribuído. No âmbito das relações familiares essa distinção pode ser enriquecedora na transmissão entre gerações. Reconhecer os atributos das emoções morais, como a responsabilização e o senso de presença, pode contribuir para que a vergonha seja associada a ideais mais amplos e de maior reciprocidade.

Vale ressaltar que o presente estudo foi realizado com um grupo reduzido de participantes, não permitindo, portanto, a generalização das considerações aqui apresentadas. O desenvolvimento de pesquisas que abordem a vergonha na família pode contribuir para um maior conhecimento da dinâmica familiar na contemporaneidade.

3.

Pudor nas relações familiares: transmissão e limites da intimidade

Resumo

O presente estudo é parte de uma investigação mais ampla sobre a vergonha e o pudor na intimidade da família. O objetivo deste estudo foi investigar a dimensão do pudor nas relações familiares. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistadas 8 sujeitos do segmento socioeconômico médio, com filhos com idades entre 12 e 18 anos. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Para atingir os objetivos formulados neste trabalho serão discutidas as categorias *estranhamento do pudor*; *transmissão do pudor: um legado em questão*; *novos rumos da intimidade no lar e imagem no espaço público: protegendo a vergonha dos filhos*. Os resultados apontam para um enfraquecimento da transmissão geracional do pudor. A relação familiar entre pais e filhos adolescentes desconsidera a diferenciação entre íntimo e intimidade. Face à exposição da intimidade dos filhos nas redes sociais, a vergonha social é usada como recurso pelos pais para imporem a autoridade familiar.

Palavras Chave:

Pudor, família, transmissão geracional

Abstract

The present study is part of a broader investigation of shame and modesty in the intimacy of the family. This research aimed to investigate the dimension of modesty in family relationships. For that, a qualitative research was carried out in which 8 subjects with children between the ages of 12 and 18 years from the middle socioeconomic segment were interviewed. The results were analyzed by the content analysis method in its categorical aspect. In order to achieve the proposed objectives formulated in this work will be discussed the categories *estrangement of modesty*; *transmission of modesty: a legacy in question*; *new directions of intimacy in the home and image in the public space: protecting the children from shame*. The results point to a weakening of the generational transmission of modesty. The family relationship between parents and adolescent children disregards the distinction between intimate and intimacy. Given the exposure of children's intimacy in social networks, social shame is used by parents as a resource to enforce family authority.

Keywords:

Modesty, family, generational transmission

A intimidade e a privacidade são indissociáveis na evolução histórico-social da família, na medida em que ambas são produtos da modernidade, época em que a invenção do sentimento de intimidade estabeleceu um novo modelo de relacionamento familiar e social. A vergonha e o pudor, embora presentes desde a antiguidade, atenderam a diferentes funções familiares e sociais na modernidade, servindo a uma estrutura na qual as fronteiras parentais e conjugais seriam mais diferenciadas dentro da família.

Segundo Bologne (1990), a noção de pudor surgiu no séc. XVI ligada ao corpo feminino e ao comportamento sexual da mulher, conhecido como “justa vergonha”. Apesar da relevância do pudor e da vergonha ter oscilado muito ao longo da história, principalmente no que tange à nudez, ambos os sentimentos são fatores determinantes na valorização do sentimento da intimidade a partir do século XVII.

As relações sociais e familiares no ocidente até então desenvolveram-se em espaços públicos compartilhados, testemunhadas nas habitações e na vida em sociedade. Os cômodos das casas não apresentavam divisões e a rua funcionava como extensão natural da vida em sociedade e familiar. Como meio de socialização coletiva, os banhos públicos seriam de tal forma naturais que não partilhar a nudez poderia significar que o indivíduo possuía defeitos físicos (Elias, 2011). Durante esse período, o espaço público compreendia uma organização social, política e familiar pautada pela inexistência de uma esfera privada, tal como viria a se constituir na modernidade.

Para Duerr (2002), o caráter intemporal do pudor desempenhou um papel de controle social e familiar. O pudor seria inconsciente, natural, comum a qualquer sociedade e subjacente a uma evolução cultural e histórica. Para o autor, o contato dos povos europeus com as culturas nativas na época dos descobrimentos e das viagens mercantilistas serviram de ponto de partida para a diferenciação dos modos, hábitos e comportamentos sociais sustentados no sentimento de pudor. A nudez pública permaneceria atributo do homem, mas, para a mulher, o pudor corporal a distinguiria das mulheres nativas ou pertencentes às classes inferiores.

Elias (2011) aponta que o processo civilizatório no ocidente desenvolveu-se durante um longo período em direção a uma nova ordem social. Neste sentido, a vergonha ligada ao pudor seria usada como meio de controle dos instintos e

impulsos para atender a normas comportamentais civilizadas. Fazendo-se valer da vergonha e do pudor, os comportamentos, hábitos e gestos comedidos contribuíram para a diferenciação entre as classes consideradas socialmente superiores em relação aos povos “primitivos” (ELIAS, 2011). Nesse novo modelo de socialização eivado na distinção entre público e privado, o pudor faria parte de uma trajetória que culminaria na valorização da individualidade, da intimidade e do controle corporal, servindo como uma fronteira com o que seria considerado civilizado.

A partir do século XVIII, os ideais do Iluminismo, da razão e da ciência moderna pressupunham a igualdade entre os homens, protegendo-os da influência do Estado. A família nuclear burguesa se organizaria, a partir de então, na intimidade em torno de uma forte hierarquia patriarcal. Bologne (1990) aponta dois principais aspectos do pudor durante este período; o pudor masculino ligado à manifestação dos sentimentos e o pudor feminino ligado ao corpo e ao sexual. O choro masculino seria sinônimo de fraqueza e de vergonha, mas, para a mulher, chorar no privado seria uma virtude e sinônimo de delicadeza. Contudo, deveriam ser recatadas em relação ao corpo e no âmbito sexual.

Para além de delimitarem os papéis de gênero, a vergonha e o pudor serviram de referência para as práticas amorosas, educacionais e sociais, principalmente com a valorização do sentimento de infância. Postman (1999) aponta três principais motivos para a inexistência de um sentimento de infância antes deste período: a falta de alfabetização, a inexistência de um conceito de educação e de vergonha relacionada ao infantil. Neste sentido, a vergonha, indissociável da ideia de pudor, é produto da época pregressa à privatização da família moderna e emergiu relacionada ao controle do corpo e à sexualidade feminina.

A partir dos anos 1960 do século XX, as diversas mudanças decorrentes de movimentos sociais e de contracultura convergiram para uma maior igualdade entre gêneros, contribuindo para a valorização do pudor enquanto sentimento. Segundo Bologne (2002), o movimento feminista, ao rejeitar a desigualdade entre os sexos e usando o nu como contestação social, tornou possível apartar o pudor da virtude sexual feminina. O pudor passaria a ser considerado um sentimento que vai além da sexualidade e da nudez, manifestando-se de acordo com as regras sociais vigentes, independentemente da condição de gênero.

Na esteira das transformações na família e na sociedade, a menor desigualdade entre os papéis masculinos e femininos traduziu-se na descentralização das hierarquias familiares e na maior intimidade familiar. A reciprocidade na interação entre pais e filhos, assim com as diversas configurações familiares contribuíram para que a partir dos anos 1980 a família fosse denominada de igualitária, evoluindo até aos dias atuais. Singly (2012) salienta que esse atual modelo familiar é marcado mais pelas diferenças individuais do que pelas hierárquicas, de sexo ou de idades. A intimidade partilhada entre os membros da família é baseada em uma maior proximidade afetiva e psíquica, diluindo as diferenças geracionais e repercutindo em uma das principais funções do grupo familiar, a transmissão psíquica.

O processo de transmissão entre gerações envolve uma cadeia geracional em que a estrutura psíquica, a tradição e a cultura se perpetuam ao longo do tempo. O grupo familiar, inaugurado a partir da parentalidade, se perpetua com base na interdição do incesto, introduzindo a diferenciação sexual e a geracional. Segundo Loncan (2015), é a partir da diferenciação da intimidade familiar que os mitos e ideais familiares são transmitidos, permitindo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

A organização familiar mais intimista e igualitária pode contribuir para que as funções e as posições familiares muitas vezes se tornem indiscriminadas no que diz respeito às fronteiras da intimidade. Racamier (1998) denominou de família incestual uma configuração psíquica familiar, principalmente inconsciente e sem necessariamente vivenciar o incesto, mas que mantém uma atmosfera de sedução e de trocas erotizadas, conduzindo a uma subversão dos limites da intimidade.

A intimidade se funda nas primeiras experiências entre mãe e bebê, quando o eu e o outro existem de modo indiferenciado. Winnicott (2014) denominou de “experiência da mutualidade” a comunicação entre mãe-bebê que envolve trocas sensoriais e psíquicas, desenvolvendo uma intimidade criativa. De acordo com Lejarraga (2015), essa experiência constitui a forma mais primária de intimidade e serve de base para as futuras vivências da intimidade.

Para Tisseron (2014) a criança internaliza gradualmente a diferenciação da intimidade a partir do interdito que se estabelece no segredo da sexualidade dos pais. Inclui o pudor no campo das para-excitações, na medida em que é um

sentimento que defende a criança das excitações dos pais, ou dos adultos. A internalização do pudor é aprendida com os pais a partir do modo como estes lidam com o seu próprio pudor, instituído pelo segredo no sentido de diferenciação entre o mundo infantil e o do adulto. Essa aprendizagem tem início nas primeiras relações de afeto e nas trocas corporais que oscilam entre excitação e contenção. O modo como o bebê internaliza inconscientemente esse jogo afetivo estaria na base do senso de pudor.

O pudor e a vergonha constituem as principais expressões da intimidade (CINQ-MARS, 2002; FRYEMANN, 2012), tornando-se fundamental fazer a distinção entre íntimo e intimidade. O íntimo, constituinte secreto e privado, é imprescindível para o desenvolvimento psíquico e social e considerado o mais profundo e interno do sujeito. A intimidade, por seu lado, constitui-se de elementos do íntimo partilhados com aqueles que oferecem uma base de segurança (DARCHIS, 2003).

Dentre as profundas transformações da sociedade contemporânea, os avanços tecnológicos, especificamente no que diz respeito às redes sociais, introduziram novos meios de expressão da intimidade, desempenhando um papel determinante na dinâmica social e familiar. Tisseron (2003; 2015) denominou de *extimité* o desejo de intimidade fundamentalmente inconsciente, que se traduz pela exposição de aspectos selecionados do eu para que sejam legitimados pelo outro. Essa partilha de fragmentos da intimidade faz parte do desejo de um encontro consigo mesmo através do outro. Para o autor, a intimidade distingue-se do íntimo na medida em que a intimidade pressupõe a partilha de conteúdos conhecidos que prescindem do encontro físico. Por seu lado, o íntimo é constituído por elementos muitas vezes inconscientes ou desconhecidos, estando implícita a proximidade física. Neste sentido, o íntimo, não faz parte do processo de *extimité*, haja vista que via internet não se partilha o íntimo, mas sim a intimidade.

Compreendemos, portanto, que o pudor enquanto sentimento constituinte do desenvolvimento psicosexual e da definição dos limites impostos pelo interdito é fundamental na constituição e no desenvolvimento da intimidade. Neste contexto, este estudo teve por objetivo investigar a dimensão do pudor nas relações familiares.

3.1

Método

Participantes

Participaram deste estudo 8 sujeitos independentes, 5 mulheres e 3 homens, residentes na Cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. Os participantes têm escolaridade superior e filhos com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Somente 1 participante não reside habitualmente com o filho.

Instrumento

Foram realizadas entrevistas individuais, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas e elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: percepção acerca do sentimento de vergonha; diferenciação entre vergonha e pudor; vergonha e pudor entre gerações; vergonha e exposição da intimidade nas redes sociais.

Procedimentos

O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informados que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas. As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas, e o local, data e horário foram agendados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. O acesso aos participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente temático-categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelos entrevistados aos fenômenos (BARDIN, 2015). Por meio desta técnica foram destacadas categorias temáticas,

organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma 'leitura flutuante', agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, sobre a vergonha e o pudor na intimidade da família. Das narrativas emergiram diversas categorias de análise. Para atingir os objetivos formulados no presente trabalho, discutiremos as categorias: *estranhamento do pudor*; *transmissão do pudor: um legado em questão*; *novos rumos da intimidade no lar e imagem no espaço público: protegendo a vergonha dos filhos*.

3.2

Resultados e discussão

As narrativas evidenciaram surpresa com a palavra pudor. A maior parte dos sujeitos, quando perguntados sobre o significado do pudor, permaneceram em silêncio por alguns instantes. Associaram o pudor a aspectos íntimos, conferindo-lhe um valor de proteção e limite. A possibilidade de ocultar ou desvelar o que é considerado íntimo é uma das particularidades do pudor. As vulnerabilidades íntimas em relação ao corpo ou aos sentimentos tendem a ser partilhadas a partir do estabelecimento de relações de intimidade ou em circunstâncias percebidas como confiantes e seguras.

“Nossa!!! pudor?!!! Não ouço essa palavra faz tempo! Risos! Deixa eu ver...lembrei! pudor é corpo! Minha avó falava muito essa palavra quando a gente era criança, no caso, proteção. Porque tem alguma coisa que é só sua e aí entra o pudor, tipo um sensor que te avisa: opa! É limite. A vergonha é mais geral e tem como você contornar. O pudor não, ninguém sabe, é só seu” (Regina)

“Pudor? Difícil!!!! (risos). Eu acho que a vergonha é algo mais simples, é coisa boba. As pessoas olham, falam, o jeito de falar. O pudor é mais sério, tem mais a ver com a intimidade mesmo, com a intimidade de cada um. Quando mexe com alguma coisa que incomoda mais intimamente. Hoje em dia o pudor tá meio distorcido, as idades hoje mudaram muito isso, tá tudo distorcido. Nem sei se tem mais.” (Carlos)

Por outro lado, o fato de as falas denunciarem surpresa com a palavra pudor pode demonstrar um distanciamento em relação à noção e ao sentimento. Regina se amparou em memórias da avó para desenvolver um significado ao pudor e Carlos atribuiu aos jovens da atual geração a distorção ou o desaparecimento do sentimento de pudor. A noção de pudor parece estar pouco presente na família dos entrevistados. De acordo com Fryemann (2012), o léxico “pudor” desenvolveu-se de acordo com as regras sociais e vem perdendo sentido na sociedade contemporânea. Além de estar ausente no discurso da família, os principais modelos de mídia e de tecnologia colaboram para o seu apagamento.

Regina identificou a transmissão do pudor na sua infância como uma proteção, demonstrando ter uma representação de limite interno. Entendemos que o estranhamento em relação à palavra pudor não se confunde com a atribuição de sentido ao sentimento em si, na medida em que os participantes parecem reconhecer os atributos deste sentimento.

“Pudor??? (silêncio). Como? Nunca me toquei assim nisso, mas... agora assim... Acho que pudor é assim uma coisa muito pessoal, muito íntima, é a vida a dois, marido e mulher. Eu acho que quando se fala em pudor vem na minha cabeça a parte sexual, uma vida íntima sexual. Quando se fala em vergonha é em todas as outras áreas, momentos, tudo o que não tenha a ver com o sexual. Assim, tipo vergonha é como te olham, entende? Tipo tá bem vestido, o que você usa, o corpo, tipo se tá magra, gordinha.”
(Luiza)

“Pudor??? (silêncio.) Acho que pudor é tipo sexo. Com namorado ou marido você não pode ter pudor. Mas, no social é vergonha, assim, rir alto, falar alto, brigar na rua, roupa muito justa, isso é vergonha.” (Ana)

Os relatos de Luisa e Ana indicam uma distinção entre pudor e vergonha. Associam o pudor à sexualidade e ao corpo, no sentido de intimidade com os parceiros amorosos e a vergonha à imagem no campo social. Embora o pudor abranja múltiplas expressões, a nudez corporal e a sexualidade são as suas principais manifestações (BOLOGNE, 2002).

Tal como apontado pelos entrevistados, a vergonha é associada ao olhar do outro, a um julgamento externo, enquanto o pudor é percebido como um sentimento pessoal. De acordo com Cinq-Mars (2002), o pudor e a vergonha são os principais limiares da intimidade. Contudo, perante o pudor, a margem de

escolha e de ação permite preservar a integridade física e emocional, evitando o sentimento de vergonha. O autor considera o pudor uma das condições para o aparecimento da vertente sexual da vergonha.

Transmissão do pudor: um legado em questão

A transmissão psíquica entre gerações é composta por conteúdos conscientes e inconscientes, promovida pelo sistema de parentesco e integrada a partir de identificações. Essa transmissão não é linear nem permanente e sofre influências da cultura, podendo conduzir a mudanças nos padrões de interação familiar.

Os participantes reconheceram as diferenças geracionais no que diz respeito à construção da intimidade. Referindo-se à época em que tinham a mesma idade dos filhos, os entrevistados preservavam a descoberta da intimidade amorosa do conhecimento dos pais, mantendo-a em segredo. As implicações de um modelo familiar de menos abertura e mais hierárquico nas suas famílias de origem parecem ter contribuído para que alguns entrevistados transformassem tal modelo na geração seguinte e estabelecessem uma maior intimidade com os filhos.

“A minha relação com a minha mãe era assim: havia as meninas que eram direitas e as meninas que faziam o que não deviam. Mas... quando a gente entra na adolescência, a gente vê que as coisas não funcionam assim. Então, aquilo não era bem assim, mas tinha que ser daquela forma porque se não ia gerar vergonha, e eu cresci nesse contexto, de vergonhas. Não quis isso para os meus filhos! Até concordo que esta garotada é até demais, se você não toma cuidado acham que você é amigo, nem sabem o que é vergonha, pudor! Mas tenho a certeza que não viveram recalcados. Coisas tipo, não pode, não faz, é feio! Isso eu me re programei para não fazer com eles o que passei.” (Regina)

“Vergonha... quando eu tinha uns 14, 15 era uma vergonha tipo de beijar, de ficar com meninos, da minha mãe não saber. Mas hoje acho que os meus filhos nem sabem o que é isso!!!! Falam palavrão, ficam falando de meninas e dos meninos. Acho que é melhor porque têm mais liberdade, mas acho que hoje é tudo sem limite.” (Márcia)

O período de adolescência de Regina e de Márcia foi atravessado por um modelo familiar mais conservador, em que o controle e a distância afetiva familiar teriam maior expressão comparativamente aos dias atuais. Perrot (2012) explica

que face ao modelo familiar mais tradicional, os segredos íntimos constituíam uma proteção contra as proibições familiares e morais. A identidade era resultado de uma forte influência familiar que obedecia aos preceitos sociais.

Regina, ao narrar que a vergonha marcou a sua relação familiar e ao enfatizar que não queria que os filhos experimentassem o mesmo sentimento, parece evidenciar a vertente traumática da vergonha que tende a se desenvolver na infância a partir de uma representação de crítica ou desqualificação parental (TISSERON, 2014). Essas vivências familiares parecem ter contribuído para uma descontinuidade com os valores de intimidade da sua família de origem, justificando uma relação de maior intimidade com os filhos. Márcia, no mesmo sentido, evidencia uma descontinuidade geracional no que diz respeito à intimidade familiar valorizando a liberdade dos filhos.

Percebemos que, embora ambas as participantes enalteçam a maior proximidade e liberdade afetiva com os filhos, expressam a percepção de ausência de limites íntimos por parte destes, demonstrando ambivalência com relação aos valores de intimidade que receberam das famílias de origem e os que transmitiram aos filhos. Tal como proposto por Bleger (1985), a ambivalência é um desejo ou atitude contraditória sobre um mesmo objeto.

Novos rumos da intimidade no lar

A transmissão do sentimento de intimidade vem sofrendo transformações que se traduzem nos limites dos papéis e posições dentro da família. Algumas narrativas apontam para uma estrutura familiar em que a intimidade se estabelece em moldes apartados das referências das famílias de origem.

“Claro que a minha esposa e eu somos mais abertos que os nossos pais. Desde cedo explicamos sobre sexo. E não tem isso na minha casa, de mãe fala uma coisa, e outros assuntos fica pra papai. Então ela é bem mais madura que as meninas da minha época. Eu considero a intimidade o que você guarda, tem na família, com a minha esposa, com a minha filha, o jeito da gente viver com meus pais, meus irmãos. Então isso é o que te fortalece, teu apoio. Confiança, né? Tem que ter um porto seguro, uma base e isso só tem quando há intimidade.” (João)

Segundo João, a maior abertura com a filha, comparativamente aos seus pais, envolve o diálogo sobre sexualidade e igualdade nos papéis parentais. Ao

destacar a maior maturidade de sua filha em comparação às meninas da sua geração, parece atribuir este fato à maior proximidade afetiva familiar, colocando a intimidade no plano de uma referência sólida, evidenciando que a intimidade na sua família nuclear e de origem constituem referência fundamental.

Singly (2012) salienta que uma das características da família contemporânea é o seu aspecto relacional, na medida em que as relações se sobrepõem aos interesses patrimoniais. O autor aponta que as relações familiares privilegiam o individualismo levando a uma descontinuidade geracional no que tange aos valores da família de origem. Em contrapartida, desenvolvem-se laços afetivos mais estreitos entre pais e filhos. O autor indica que a crescente influência do individualismo nas relações familiares dificulta estabelecer uma comparação com as gerações precedentes, na medida em que na atualidade os indivíduos se esforçam por serem cada vez originais e únicos.

A intimidade excessiva entre pais e filhos pode levar a uma indiscriminação das funções e das posições geracionais. O reconhecimento limitado das características do período da adolescência para os próprios pais e para filhos, assim como a horizontalidade nas posições familiares pode dificultar o distanciamento dos espaços íntimos.

“Quando o meu mais velho começou a ficar mocinho o meu marido começou a botar limites, falando que não tava certo ele ficar nu ou me ver nua. Eu achei que ele tava vendo mal onde não havia. Mas, a gente não tem barreiras, ele anda nu e sem problema. É que nem eu, em casa, com família ele é bem sem pudor, mas todo envergonhado no social. Mas, em casa anda de cueca, toma banho porta aberta, troca de roupa na minha frente ou de quem quer que esteja ali, parece até outra pessoa quando tá na rua.” (Paula)

“Mas, com os meus filhos, olha a gente não tem esse negócio que não pode isto ou aquilo. Falamos de tudo, o que magoou, o que chateou. Sou uma companheirona, sei disso. Eles detestam quando o meu namorado fica lá em casa porque a gente muda a rotina, né? Acham que são homens mas, no fundo dois bebês! Adoram deitar comigo, o mais novo dorme comigo, chora! intimidade é isso, né?” (Ana)

Ana relata que desenvolve uma interação com os filhos baseada na amizade, característica das relações democráticas na atualidade (GIDDENS, 1993). Por outro lado, descreve os filhos adolescentes como bebês e revela que dorme com o filho adolescente. Paula afirma não reconhecer os limites impostos

pelo pai ao filho adolescente que partilhava a nudez com ela. As participantes evidenciam um transbordamento da intimidade na dinâmica familiar, parecendo indicar dificuldades na experiência da separação e da ressignificação das figuras parentais e dos filhos, características estas fundamentais do período da adolescência para a diferenciação geracional. Ademais, não ter barreiras no que toca à partilha da nudez entre elas e os filhos adolescentes indica uma intrusão na intimidade psíquica e física.

A ausência de reconhecimento dos limites íntimos e de privacidade familiar tende a envolver uma dimensão incestual. Estrutura imperceptível de posições e funções da família, o incestual foi cunhado por Racamier (1998) como uma atmosfera na dinâmica familiar, sobretudo inconsciente, que circula em torno de uma sedução narcísica, com o intuito de perpetuar um vínculo indissolúvel. Em consequência, a intimidade de cada um dos membros é invadida, subvertendo as posições geracionais e as diferenças entre os sexos. O horror à separação e às diferenças estariam por detrás de uma dinâmica familiar aparentemente banal.

Imagem no espaço público: protegendo a vergonha dos filhos

Tisseron (2014) aponta que o grande diferencial na intimidade inaugurado pelas novas gerações está relacionado com as novas tecnologias, mediadas pelas redes sociais, levando a intimidade a ser expressa pela “intenção”. A intencionalidade diz respeito à facilidade de partilhar “fragmentos” do privado quando e onde se quiser. Esse deslocamento da intimidade psíquica para a esfera pública é endereçada não a um outro específico, mas a muitos outros.

A preocupação dos pais com a imagem social dos filhos foi evidenciada a partir do papel das redes sociais. A preocupação não só em acompanhar mas em coibir publicações com exposição do corpo e manifestações da intimidade física são os principais pontos de atenção por parte dos pais.

“Você sabe que adolescente agora tá na onda do nude, né? Mandam nudes, postam nudes. Já falei: “não quero que faça isso!”. Ai ele fala com a maior naturalidade: “mas não pode por quê? Não mostra a cara, qual o problema? Todo o mundo faz!”. Tenho que explicar que pode dar problema pra imagem dele, que podem espalhar e botar por ai em site pornô, e quando procurar trabalho? não precisa né? Então eu tou em

cima, mas com certeza que por ele mesmo já tinha postado muita coisa!”
(Paulo)

“As pessoas nem se conhecem e já botam tudo! Mandam muitas fotos íntimas, se expõem muito. O meu filho mais velho fica botando foto de sunga, fotos dele com a namorada se beijando, botando a mão aqui e ali, sabe? Falo pra ele que quando arrumar trabalho pega mal, ele acha que a vida é surf e namorada, mas e a imagem séria de responsável? Quem dá trabalho pra alguém que só quer saber de meninas e surf?” (Ana)

“Mas a minha filha postou outro dia uma foto dela e do namorado assim, língua com língua! Cara, morri de vergonha! Briguei com ela, mandei tirar, aquilo é pra fazer em 4 paredes. Não aceito expor, mostrar aquilo ali no face, não aceito. Ouvi comentários, amigos fazendo piada, sabe? Piada de mim e dela, tipo: “poxa a tua filha tá com tudo!”. Senti vergonha por mim que sou mãe e não gostei que ela passasse por aquilo e por ela mesma, pela imagem dela. Esses meninos, se a gente não tá em cima, são muito sem noção! Não pensam na faculdade, na hora de arrumar emprego, de estágio.” (Luiza)

De acordo com a narrativa dos entrevistados, os filhos adolescentes parecem atender ao controle dos pais em relação às publicações de intimidade explícita. Verificamos que os participantes sentem vergonha perante a exposição de intimidade dos filhos nas redes sociais. Contudo, percebemos a dificuldade de se apropriarem da sua função de autoridade enquanto interdito, deslocando essa função para a imagem dos filhos no campo profissional. O apelo para o futuro profissional dos filhos parece ser usado como recurso baseado em uma autoridade externa para evitar o sentimento de vergonha dos próprios pais e para proteger a imagem dos filhos.

3.3

Considerações finais

O pudor e a vergonha, enquanto expressões da intimidade, sempre estiveram presentes na evolução sócio-histórica da família, assumindo distintas funções de acordo com a época e a sociedade. Os resultados da pesquisa apontam que os participantes atribuem ao pudor um significado de intimidade corporal e sexual transmitido pelas gerações anteriores. Contudo, percebe-se que é um

sentimento com pouca expressão na atual interação familiar. Atribuímos esse fato à percepção de que o pudor é associado à esfera sexual, parecendo desconsiderar-se a sua vertente psíquica.

Verificamos que a transmissão do pudor às gerações seguintes sofreu uma descontinuidade à medida que a maior proximidade afetiva com os filhos passou a fazer parte da transformação da intimidade familiar. Partindo da ideia de que o pudor é um sentimento que se desenvolve ao longo da interação familiar, aprendido com os pais e adultos a partir do modo como estes lidam com o seu próprio pudor, concluímos que as relações familiares mais intimistas podem favorecer uma menor diferenciação entre os espaços psíquicos internos e externos.

A associação do sentimento de vergonha a uma estrutura familiar mais conservadora e hierárquica, durante o período da adolescência dos participantes, parece ter sido um fator importante para o estabelecimento de uma relação mais intimista com os próprios filhos. Percebe-se que a herança da transmissão psíquica da vergonha ligada à descoberta da sexualidade na adolescência dos participantes foi deslocada para a vergonha no âmbito social na geração atual. A vergonha na família está relacionada ao fracasso das expectativas financeiras, sociais e familiares.

Percebemos que a vergonha perante a exposição da intimidade dos filhos nas redes sociais é motivo de conflitos relacionados às funções parentais, que são influenciadas pela maior horizontalidade nas relações familiares. Perante a preocupação com a imagem dos filhos em relação ao seu futuro profissional, o exercício da autoridade parental parece ser amparado pela vergonha mediada pela imagem social. O destaque à vergonha social, o enfraquecimento da transmissão do pudor e da vertente sexual da vergonha podem indicar uma maior atenção aos aspetos externos da intimidade em detrimento dos aspectos íntimos nas relações familiares.

Na medida em que a transmissão geracional pressupõe a diferenciação e a transformação das heranças psíquicas, o reconhecimento da função psíquica do pudor pode contribuir para uma maior discriminação familiar, preservando a diferença geracional e sexual, assim como o reconhecimento das fronteiras íntimas e de intimidade. Assim, pudemos constatar que a família preserva os sentimentos de intimidade sob diferentes perspectivas. A descontinuidade da vivência da intimidade em relação às famílias de origem e o estabelecimento de

relações familiares mais intimistas. As fronteiras geracionais apresentam-se difusas, contribuindo para uma maior igualdade nas posições e funções familiares. Enquanto expressões da intimidade, a vergonha e o pudor são pouco valorizados, desencadeando um apagamento da transmissão geracional destes sentimentos.

4.

Conclusão

A presente pesquisa procurou investigar a vergonha e o pudor na intimidade da família. Os resultados deste trabalho apontam para a transição de um modelo de intimidade familiar mais tradicional para um modelo mais igualitário, no qual são privilegiados laços afetivos mais estreitos.

Os relatos dos participantes evidenciam que durante a sua adolescência vivenciaram o sentimento de vergonha associado à descoberta da intimidade no campo amoroso. O segredo, subjacente à vergonha, parece ter desempenhado um duplo sentido. Por um lado, há o segredo íntimos, um tipo de apropriação de uma autonomia psíquica e física. Por outro lado, a vergonha associada à preservação da intimidade em relação aos pais. Estes fatos evidenciaram terem sido determinantes para a construção de uma maior proximidade afetiva com os filhos desencadeando uma descontinuidade na transmissão geracional da intimidade em relação às famílias de origem.

Constatou-se que o sentimento de vergonha passou a ser associado a uma imagem familiar que corresponde ao padrão de vida e atende às expectativas financeiras dos filhos. A vergonha, neste sentido, é atrelada a uma reputação mediada pelos valores da sociedade, desencadeando o sentimento de vergonha frente à possibilidade de não corresponder ao que é esperado pela família, em especial pelos filhos. A autoimagem parental parece, assim, diretamente relacionada à imagem social.

Ressaltamos que há deslocamentos das funções e posições parentais no que diz respeito à intimidade familiar. A partilha da nudez em espaços físicos comuns, dormir com os filhos e tratá-los como amigos são comportamentos que evidenciam transgressões das fronteiras íntimas, apontando para uma dinâmica familiar, por vezes, incestual. Nestes casos, a intimidade é partilhada de modo intrusivo, em um clima erotizado, portanto, transgredindo um dos principais fundamentos da estrutura familiar, o interdito. O empobrecimento da diferenciação sexual e geracional, no que diz respeito à partilha da intimidade na família, pode ser pensado no âmbito de posicionamentos familiares igualitários, em que há uma maior horizontalidade nas relações familiares. Ademais, os

valores da cultura ocidental contemporânea privilegiam a exteriorização subjetiva, podendo contribuir para a desvalorização da intimidade individual.

Consideramos que as fronteiras familiares difusas tornam-se mais evidentes pelo fato de os participantes terem filhos adolescentes. Sabemos que a adolescência é um período de desenvolvimento que envolve uma reorganização de lugares na família. Os participantes evidenciam dificuldades em transformar a representação do filho infantil e reconhecer o seu real estágio de desenvolvimento, a adolescência.

A proteção da imagem dos filhos perante a exposição da sua intimidade nas redes sociais é um fenômeno paradoxal. Por um lado, a intimidade em família é atravessada, em alguns casos, pela indiscriminação dos espaços psíquicos e físicos, por outro, os pais coíbem a exposição da intimidade dos filhos nas redes sociais, afirmando sentirem vergonha e sugerindo a preocupação com o futuro profissional destes. Atribuímos este fato à valorização da imagem social, principal fator para o deflagrar da vergonha, tal como apontado pelos entrevistados. A vergonha neste sentido, parece ser usada como recurso à autoridade parental e como proteção da imagem dos filhos. Ademais, os participantes demonstram incompreensão acerca dos novos modelos de intimidade inaugurados pelas novas gerações. Identificamos, assim, a herança geracional de modelos de intimidade mais tradicionais coexistindo com os contemporâneos, e uma tensão perante as diferentes modalidades de expressão da intimidade, nomeadamente nas redes sociais.

Os resultados da pesquisa apontam para o reconhecimento do sentimento de pudor transmitido por gerações anteriores, e para uma diluição na transmissão para as gerações seguintes, assim como um deslocamento da vertente sexual da vergonha para a vergonha ligada à imagem social. Pensamos que a transformação da herança geracional em uma dinâmica familiar mais intimista e as características do contexto social contemporâneo podem ter levado a uma desconsideração da importância do pudor enquanto sentimento que preserva o espaço interior e de diferenciação entre o eu e o outro. O uso da palavra pudor pode ser comumente associada a um período mais tradicional dentro da evolução sócio histórica da família, contudo, o seu significado continua atual dentro do contexto das relações familiares igualitárias.

Sabemos que cada grupo familiar desenvolve dinâmicas próprias de relacionamentos e as contínuas transformações da família e da sociedade favorecem outros modelos de interação familiar. Entendemos que, atualmente, as relações intersubjetivas privilegiam a exterioridade psíquica e física levando-nos a refletir sobre as novas expressões da intimidade em família e na sociedade como um todo. Afinal, a evolução sócio histórica da família foi construída a partir de contínuas transformações na intimidade familiar.

As fronteiras entre os limites do eu e do outro são estabelecidas pela vergonha e pelo pudor, tornando-se fundamental o reconhecimento de ambos os sentimentos, na medida em que só pode haver uma apropriação do eu e um reconhecimento do outro pelo estabelecimento da diferenciação entre sujeitos. A base dessa diferenciação tem como referência a transmissão entre as gerações que perpetua a história e a experiência das gerações passadas. Para que essa linha de continuação geracional possa ser transformada, as funções e as posições parentais devem favorecer a diferenciação geracional e sexual. O reconhecimento do pudor e da vergonha, enquanto constituintes da intimidade torna-se fundamental pela importância que desempenha no estabelecimento da diferença entre os sexos e entre as gerações, fatores determinantes para a transformação e para a apropriação da história familiar.

5.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70. 2015.
- BIGLIANI, C. G; MOGUILLANSKY, R; SLUZKI, C. **Humilhação e vergonha, um diálogo entre enfoques sistêmicos e psicanalíticos**. São Paulo, Zagodoni. 2011.
- BILENKY, M. K. **Vergonha**. São Paulo, Blucher. 2016.
- BOLOGNE, J.C. **A história do pudor**. Rio de Janeiro, Elfos. 1990.
- BOLOGNE, J.C. **Pudeurs féminines: voilées, dévoilées, révélées**. Paris: Éditions du Seuil. 2010.
- BLEGER, J. **Simbiose e ambiguidade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1985.
- CICCONE, A.; FERRANT, A. **Honte, culpabilité et traumatisme**. Paris, Dunot. 2015.
- CINQ-MARS, J.M. **Quand la pudeur prend corps**. Paris, PUF. 2002.
- DARCHIS, E. **Aux sources de l'intimité**. Le Divan familial / 2, N° 11, p. 87-101. DOI 10.3917/difa.011.0087. 2003.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa, Antígona. 2012.
- DRIEU, D.; SCHELLES, R. **Entretien avec Serge Tisseron et Vincent de Gaulejac à propos de leurs travaux sur la honte**. Revue Dialogue n° 190 p. 7-24. 2010.
- DUERR, H. P. **Nudez e pudor: o mito do processo civilizacional**. Lisboa: Editorial Notícias. 2002.
- DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- ELIAS, N. **O processo civilizador, uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2011.
- EMDE, R.; OPPENHEIM, D. **La honte, la culpabilité et le drame oedipien: considerations développementales à propos de la moralité**

et de la référence aux autres. Devenir, 14 (4): 335-361. DOI 10.3917/dev.024.0335. 2002.

FIGUEIREDO, L.C. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1500-1900.** São Paulo: Escuta. 2012.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro, Imago. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.4. 1900.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Rio de Janeiro, Imago. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.7. 1905.

FREUD, S. **Totem e tabu.** Janeiro, Imago. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.13. 1913.

FREUD S. **Mal estar na cultura.** Rio de Janeiro, Imago. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol.21. 1930

FREYMAN, J.R. **De la honte à la culpabilité.** Paris, Éditions Érès. 2012.

GAULEJAC, V. **As origens da vergonha.** São Paulo, Via Lettera. 2006.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Unesp. 1993.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945).** Rio de Janeiro, Imago. 1996.

LABRUNE, L. **La honte à l'adolescence: de l'affect au lien social.** Paris, Éditions in Press. 2016.

LEJARRAGA, A.L. **Sexualidade Infantil e Intimidade: Diálogos Winnicottianos.** Garamond. 2015

LONCAN, A. **Du corps individuel au corps psychique familial: réflexion sur la topologie de la vie psychique familiale.** Divan familial / 2 n° 34. p. 11-26.

DOI 10.3917/difa.034.0011. 2015.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO T. **Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”.** Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro

- Mundial. Rio de Janeiro. 2003
- PERROT, M. **História dos quartos**. Lisboa: Teodolito. 2012.
- POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância**. São Paulo: Graphia, 1999.
- PROST A. A família e o indivíduo. *In*: A. PROST; G. VINCENT (org.), **História da Vida Privada**. São Paulo, Companhia das Letras. 2009.
- RACAMIER P.C. **Incestuel. Vocabulaire de psychanalyse groupale et familiale**. Tomo I. Paris: Editions du Collège de psychanalyse groupale et familiale. 1998.
- ROUDINESCO, E. **Família em desordem**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2003.
- SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Lisboa, Texto & Grafia. 2012.
- TISSERON, S. **Le désir de « d'extimité » mis à nu**. Revue Dialogue n° 11 p. 53- 62. 2003.
- TISSERON, S. **La honte. Psychanalyse d'un lien social**. Paris, Dunot. 2014.
- TISSERON, S. **3-6-9-12 - Computadores, Telemóveis e Tablets**. Lisboa, Gradiva. 2015.
- VENTURINI, C; VERTZMAN, J. Interseções da vergonha na cultura, na subjetividade e na clínica atual. *In*: J. VERTZMAN; R. HERZOG; T. PINHEIRO (orgs.) **Sofrimentos narcísicos**. Rio de Janeiro, Companhia de Freud. 2012.
- VERTZMAN J. **Vergonha, honra e contemporaneidade**. Pulsional Revista de Psicanálise, 8 (181) 88-100. 2005.
- WINNICOTT D. **A Criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC. 2014.

Anexos

Anexo A

Tabela 1
Características dos sujeitos

Participante	Idade	Profissão	Filhos	Idade dos filhos	Estado Civil
Luiza	50	Empresária	1 - F	18 a	Casada
Regina	42	Psicóloga	1 - M 1 - F	18 a 17 a	Casada
Paulo	48	Gerente TI	1 - M	16 a	Solteiro
Márcia	40	Advogada	2 - M	18 a 16 a	Separada
Carlos	52	Ator	1 - M	14 a	Separado
Ana	40	Fisioterapeuta	2 - M	18 a 13 a	Separada
João	48	Economista	1 - F	17 a	Casado
Paula	47	Professora Ed. Física	1 - M 1 - F	17 a 13 a	Casada

Anexo B

Ficha de Avaliação Biográfica

Entrevista número: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Ocupação: _____

Estado civil: _____

Quanto tempo? _____

Número de filhos: _____

Gênero: _____ Idade: _____

Gênero: _____ Idade: _____

Gênero: _____ Idade: _____

Gênero: _____ Idade: _____

Tem perfil em redes sociais? _____

Quais? _____

Frequência de uso _____

Anexo C

Roteiro das Entrevistas

Vergonha e pudor

- 1) Já sentiu vergonha?
- 2) Como sabe que está com vergonha?
- 3) O que faz quando sente vergonha?
- 4) Alguma coisa lhe causou vergonha na presença de outros que não sentiria se estivesse sozinha?
- 5) Em que campos (sociais, profissionais, amorosos, familiares, pessoais), você se percebe mais suscetível a sentir vergonha?
- 6) E o que é o pudor para você ? Como você sabe se está sentindo pudor ou vergonha?
- 7) Como os seus filhos lidam com a vergonha e o pudor? Como era quando você tinha a idade deles?
- 8) Já provocou vergonha em alguém?

Intimidade

- 9) O que é intimidade para você?
- 10) Com quem partilha assuntos que considera íntimos? (pessoalmente, telefone, redes sociais).
- 11) O que é para ser partilhado? O que é para ser mostrado?
- 12) Já sentiu vergonha por ter visto algo que não era para ser visto?
- 13) Alguma vez sentiu a sua privacidade invadida (o)? Em que circunstâncias?

Intimidade na família

- 14) Como se dá a intimidade na sua família?
- 15) Considera que existem assuntos que só devam ser partilhados em família?
- 16) Como se dá a exposição da intimidade nas redes sociais na sua família?
- 17) Alguma vez sentiu vergonha devido a conteúdos seus mostrados nas redes sociais? E da sua família?

O que gostaria de acrescentar após ter falado acerca da sua intimidade, vergonha e pudor para esta pesquisa?



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da Pesquisa: Construção da intimidade: vergonha e pudor na família contemporânea

Mestranda: Carla Martins Mendes carlamartimendes@gmail.com (21) 98179-9722

Orientadora: Prof. Andrea Seixas Magalhães andream@puc-rio.br (21) 99693-0442

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que pretende investigar a construção da intimidade na dimensão da vergonha e do pudor na família contemporânea. Justifica-se o estudo pela importância que estes sentimentos desempenharam na evolução histórica do conceito de família. Com sua adesão, você está contribuindo para uma maior compreensão sobre a intimidade familiar na atualidade.

Sua participação é voluntária, podendo interromper a entrevista quando desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar constrangimento. A participação na pesquisa não apresenta nenhum risco, à exceção, talvez, de certo constrangimento que algumas pessoas podem manifestar ao longo da entrevista. Em caso de constrangimento, a entrevista poderá ser interrompida por pedido do entrevistado. Sua recusa em participar desta pesquisa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita. Todas as informações têm caráter confidencial. A sua identidade será mantida em sigilo, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação.

Assinando este formulário de consentimento, você autoriza a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada a sua identidade e a dos membros da família. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será fornecido em duas vias, ficando

uma com a pesquisadora e outra com o participante. Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, e nada será pago por sua participação.

Eu, tendo lido os esclarecimentos sobre a pesquisa acima mencionada, autorizo a pesquisadora a realizar a entrevista e a utilizar os dados da mesma em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada a identidade dos membros da família.

Pesquisadora Carla Martins Mendes

Assinatura da(o) Entrevistada(o)

Rio de Janeiro, ____ / ____ / ____